



## **Crônica dos Primeiros Tempos da ANPAP (1985 - 1991 2017)**

**Daisy Peccinini**

Tesoureira e Secretária da SOBRAPAP(1986)  
Sócia Fundadora e Primeira Secretária da ANPAP (1987)  
Presidente da ANPAP (1989 -91)  
Sócia e Emérita da ANPAP

Ao festejarmos 30 anos de fundação da ANPAP, tomo a importante tarefa de escrever e falar sobre associação no momento de seu nascimento, apesar de ser de forma pessoal, e por isso mesmo limitada, é um processo de captar os contornos fluidos e até sutis em minha memória, podendo mesmo se esgarçar na tela das evocações, desfazendo-se em fiapos, como as nuvens... Tentarei acima de tudo entrelaçar o espírito e a mente daqueles tempos, com os passos, as atitudes que estão no nascedouro da nossa associação.

Escolhido o caminho das lembranças, a história da ANPAP, ou antes, o meu relato será como um depoimento de recordações prazerosas, como a realização de um sonho ou de um ideal buscado e desejado. Como segunda presidente da ANPAP, estive presente desde os primeiros passos de sua formação, em 1985, no correr de 1986 e atuante como Secretária da primeira diretoria de 1987 a 1989. Estes momentos marcaram muito a atuação de minha gestão, 1989-1991, que considero como uma seqüência de crescimento, da expansão territorial de nossa comunidade.

Os começos da nossa associação aconteceram num quadro histórico que ainda evoco coberto de triste bruma. De fato, por volta da metade da década de 80 o país e consequentemente os ambientes universitários da USP e da UNICAMP que

me eram mais familiares voltavam a respirar os ares da democracia. Entretanto ainda havia certa exaustão, um sentimento de cansaço, como de soldados vitoriosos, mas exaustos pela batalha, andando no campo dos combates, contabilizando os mortos e feridos – “os desaparecidos”, “os aposentados” por força do arbítrio militar, ainda os exilados e os auto-exilados.

Os anos finais dos 80 foram conseqüentes à abertura política “lenta e gradual” que se acelera com as iniciativas, visando estruturar de outra forma, ou criar novas estruturas para o país. A instalação da constituinte, em fevereiro de 1987 era exemplar deste sentimento do tempo. Considero a criação e organização de ANPAP, em maio deste mesmo ano, como uma comunidade, dedicada à pesquisa em artes, até então inexistente, como corpus associativo, um fato histórico em consonância com o *zeitgeist*, o espírito do tempo que varria a nação.

As artes e os artistas eram solicitados desde avançar dos anos 70, a participar dos novos contornos culturais no país dominado pelo capitalismo. À indústria cultural que vai estabelecendo seu sistema, a ANPAP apresenta-se como um contraponto essencial que é a comunidade de pesquisadores, articulada de forma associativa, autônoma. Este diferencial marca desde sempre a ANPAP e confere-lhe grande dignidade.

Foi no seio das universidades no universo do saber, nos caminhos da ciência, onde as artes se refugiaram nos anos de exceção, que a questão associativa de artistas e teóricos da arte com metas de desenvolvimento científico, encontrou terreno fértil.

Com a com a reforma universitária de 1969, a História da Arte foi transferida para a recém-criada Escola de Comunicações Culturais, depois chamada de

Comunicações e Artes, integrando um conjunto consistente de disciplinas relativas às artes plásticas. Congregando neste departamento artistas de diferentes áreas, historiadores, sociólogos da arte, com a chefia de Walter Zanini, tinha conseguido instalar o mestrado e no início dos anos 80, o primeiro doutorado em artes no país.

Inicia-se então uma nova via para os professores-artistas, que apresentam suas pesquisas para mestrado. Quanto ao doutorado era também uma nova possibilidade para teóricos e artistas desenvolverem suas teses na área de Artes e se preparar para cumprir as exigências da carreira universitária na USP.

Foi uma voz vinda de fora que acenou e alentou a formação da nossa comunidade de pesquisadores. Foi mais além, mostrou estrategicamente a lutar para conseguir recursos para os projetos de pesquisa em artes; foi por Estímulo de um funcionário idealista do CNPq que ANPAP surgiu. Numa manhã de novembro de 1985, precisamente no dia 29, conheci Silvio Zamboni, técnico do CNPq. Como orientanda de doutorado de Walter Zanini e professora de História da Arte da FAAP tinha sido convocada por ele. Estava desiludida, pois não esperava nenhum auxílio do CNPq, ou bolsa de doutorado, era algo nebuloso, difícil, impensável...

Cheguei ao “Aquário”, como era chamado o auditório, o único da ECA, no Bloco do Departamento do Jornalismo. Nesta sala histórica, duplamente importante, onde foi gestada a primeira idéia da ANPAP, e dois anos depois ali se votaram os estatutos e a primeira diretoria. A sala estava quase vazia, e nela entrou o prof. Zanini com Zamboni, fazendo a apresentação.

Divisei um homem alto e jovem, cuja voz possante denunciava sua ascendência italiana. Sua vestimenta era completamente atípica para os padrões uspianos da época. Vestia camisa xadrez de cores vivas e do bolso sobressaía um cachimbo. Este sim se era um ícone de intelectualidade da universidade, mas sempre era acompanhado de roupas sóbrias, que não era o caso.

De fato, a presença de Zamboni naquele momento trazia um mundo que desconhecíamos. Ele logo foi falando a que veio, de forma calma, mas incisiva; conclamou os presentes, que se organizassem em uma associação de pesquisadores, da área de Artes. Contava-nos que os projetos de pesquisa em artes ziguezagueavam, no processo de avaliação, entre os comitês de ciências humanas, de filosofia, história e sociologia etc. Estas áreas, que formavam comitês mais estruturados, batalhavam por auxílios para seus projetos, em acirrada competição com os comitês das ciências exatas e biológicas, melhor aquinhoados pelas verbas de bolsas e auxílios, respondendo à pressão de maior demanda. Neste contexto, os projetos de arte não tinham a menor chance de ser incentivados. Entusiasta da arte, como artista, e assistindo como técnico analista de projetos a situação das artes, Zamboni tomou a iniciativa de fazer nascer uma comunidade voltada à pesquisa em artes, apoiado por escalões superiores do CNPq também sensíveis a esta lacuna.

Começou a viajar, para os lugares, onde havia núcleos de pós-graduação em artes, recentemente formados. Começava pela ECA-USP, a única com doutorado, depois iria a Porto Alegre e Rio de Janeiro e a outros lugares. Fazia reuniões, incentivando os pesquisadores válidos para que entrassem com maior número de projetos de pesquisa, aumentando a demanda de auxílios. Por outro lado, apelava sobre a importância de se organizar uma associação. Foi feita uma lista de



presença, para informar dados para futuros contatos, vinte pessoas assinaram a lista, pertencentes a três instituições, ECA-USP, FAP-FAAP e Instituto Universitário de Santos.

A reação foi uma mescla de um tímido entusiasmo e um pouco de desalento. Sentia um estranhamento, ante a fala de Zamboni, acredito que a maioria também. Esta história de desenvolver uma estratégia para fazer pressão, para conseguir verbas vinha de a um mundo desconhecidos para todos nós, mergulhados em nossas atividades de ensino e pesquisa no campo das artes. A proposta de para ação política de nossa área de conhecimento era algo inusitado.

Zamboni estava nesta missão totalmente determinado a fazer nascer uma associação, e bem atuante. Sempre calmo, escutava nossas perguntas, enquanto enchia cuidadosamente seu cachimbo, e avisava do próximo passo, que seria em Brasília. De fato, isto se cumpriu; foi marcada uma reunião, no ano seguinte em 1986, durante a realização do II Festival de Cultura e Arte Latino-americana, no mês de dezembro. Recebemos passagens e auxílio para estadia, do CNPq, nesta ocasião éramos mais numerosos, quando nos reunimos em uma sala de reuniões do CNPq, com os colegas da UNB, os gaúchos, os cariocas e os paulistas. Aconteceu a primeira fundação, primeiramente com o nome de SOBRAPAP, (Sociedade Brasileira de Pesquisa em Artes Plásticas). Comentava-se da urgência e da importância de se fundar nossa comunidade, havia o risco de sermos empurrados para fora do CNPq, e passarmos para a alçada do MINC, retirando as artes dos cenários de avaliações científicas e da condição de saber científico.

Neste momento, foi eleita uma diretoria temporária, composta por duas pessoas: presidente, Aracy Amaral e eu, como secretária-tesoureira. Decidiu-se que no



prazo de um ano, esta diretoria promoveria uma reunião com o maior número de pesquisadores, fossem ou não pós-graduandos, mestres, doutorandos, doutores para redação dos estatutos da nova agremiação. Lembro-me que ao final desta reunião, “passei o chapéu”, pedindo uma doação aos presentes para os gastos iniciais de secretaria na organização da próxima rodada, a da elaboração dos estatutos.

Em maio de 1987 estávamos de volta ao “Aquário” da ECA-USP, como secretária da SOBRAPAP, e logo depois eleita primeira secretária da primeira diretoria, sendo o prof. Walter Zanini, presidente, comecei a trabalhar, escrevendo a longa ata de fundação. Havia mais de 50 pessoas, do Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte, Recife, Porto Alegre, S.Paulo, Campinas. Em primeiro lugar, houve a definição de sua nova e definitiva denominação, ANPAP, e em seguida a configuração estatutária. Devo ressaltar quanto a isso, a importante colaboração de proposições que deram a estrutura atual, encaminhadas por aqueles que já tinham experiência em atuar em outras associações, como Walter Zanini, Ulpiano Bezerra de Menezes, José Roberto Teixeira Leite, Ana Mae Tavares Barbosa e outros, cujos nomes infelizmente não me ocorrem.

Um exemplo disso foi a proposta de Ulpiano, diante da pluralidade de linhas de pesquisa em torno da arte abrangidas pela ANPAP, a de instauração dos Comitês. Outra proposição, de acordo com os ventos democráticos desta época, foi definir um Conselho forte, com atribuições deliberativas, onde tivesse assento os representantes de todos os Comitês em igualdade de condições, independente do número seus integrantes.

Salvo engano, foi uma posição defendida por Ana Mae e Heloisa Ferraz, da área de arte-educação. As lembranças surgem à medida que escrevo e reescrevo, peço desculpas se omiti alguns nomes, mas quero deixar manifesto que todos que lá estavam reunidos, estavam galvanizados por nobres entusiasmos. Eu lá no fundo do auditório, na parte mais elevada da sala, escrevia e escrevia... Encantada com a sucessão dos fatos desenvolvia uma árdua tarefa. Como não contávamos com computador, tudo era manuscrito e, a cada etapa do texto votado, devia transcrever diretamente no livro de atas recém- aberto, que seria depois passado para que todos assinassem ao final da assembléia. A pressão era grande, lembro-me ainda, da atitude solidária de Maria Amélia Bulhões Garcia, eleita segunda secretaria, que se sentou ao meu lado e repetia o que deveria escrever, ajudando-me na concentração da tarefa de transcrição fiel. Eu havia acabado de conhecê-la e estávamos ombro a ombro trabalhando, dedicadas à mesma causa. Outro fato que testemunha o entusiasmo generalizado foi à eleição do primeiro presidente, realizada por entusiástica aclamação.

O clima de entusiasmo, solidariedade e dedicação, muito positivo, neste momento de emergência da ANPAP se prolongou por toda a primeira gestão, que considero como a do nascimento e prosseguiu , acredito para sempre, com exceção de período curto de crise. A ANPAP nasceu como fruto de uma mística em relação ao desenvolvimento da pesquisa das artes, contaminando em definitivo todos, os que se propuseram a trabalhar por sua expansão coletiva, isto é, todos os que participaram e participam da associação.

Neste período, lembro-me de uma importante colaboração entre a ANPAP e a AESP-FAEB, Associação de Arte-Educadores do Estado de S.Paulo, participante da Federação de Arte-Educadores do Brasil, em razão da proposta para a constituinte relativa à Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Desde o início da



ANPAP, a AESP esteve ligada, assinando a ata de fundação, como sócio institucional. Recordo-me de estar representando a ANPAP, em consenso com o presidente, em reuniões com a AESP-FAEB na elaboração da proposta a ser levada à Constituinte estabelecendo a disciplina de Artes no currículo mínimo na LDBE. Foi o grande tema para a primeira grande articulação política em relação às artes de cunho nacional, após os anos de ditadura.

Foi uma experiência muito importante na defesa da área de conhecimento das Artes como saber fundamental e a sua importância para a formação do ser humano. Esta era a palavra de ordem para uma luta que estava se desenvolvendo, que atendia ao apelo da constituinte que desejava uma Constituição cidadã.

A Assembléia Constituinte estimulava a participação dos cidadãos, chamava-os para apresentar propostas- recebia as propostas formuladas por cidadãos brasileiros, apresentadas por meio de entidades associativas, como fez a FAEB, AESP aliada com a ANPAP, que deviam ser subscritas por cerca de 30.000 assinaturas. A ação política em favor dessa causa foi uma experiência importante. Lembro-me receber nestas reuniões muitas folhas para coleta de assinaturas de apoio ao projeto do ensino das artes. Foram muitos dias, com Ana Maria Neto Nogueira, Heloísa Toledo Ferraz, Ciça França Lourenço, Sonia Von Brusky, Sylvio Dvorek, Miriam Celeste Martins e muitos outros, cujos nomes não me vêm à memória. Com idealismo e perseverança recolhíamos assinaturas, postados nos cruzamentos de ruas, ou batíamos às portas dos vizinhos, nas reuniões familiares e obviamente falávamos com os nossos alunos.



A lembrança deste momento épico, de que a ANPAP participou, em seu primeiro ano de existência, não poderia deixar de ser registrada nesta crônica.

Hoje, há certa distância de tempo, de mais de 30 anos, parece-me importante resgatar a memória desta luta em favor das artes. Refletindo sobre isso, vejo uma coerência nesse processo em que as artes e seus pesquisadores, haviam se dedicado à atividade educacional, com a repressão militar, e no momento da retomada dos direitos civis, da nova constituição, foi da educação artística que se iniciou processo de retomada dos espaços maiores na cultura do país, a começar pela própria Constituição que terminou de ser elaborada, em outubro de 1988. Um mês depois, a ANPAP, foco deste relato, realizava o I Encontro Nacional na Casa de Cultura Japonesa da USP, cenário também do II Encontro, em maio de 1989. Por esta ocasião fui eleita, como presidente, tendo o emérito historiador da arte Mario Barata como vice-presidente, Silvio Zamboni, primeiro-secretário; segunda secretária Heloisa C. Toledo Ferraz, primeira tesoureira Maria Cecília França Lourenço e segunda tesoureira Diana Domingues.

Esta segunda Diretoria da ANPAP pode ser considerada como o começo de uma caminhada ou dos primeiros passos da ANPAP a ganhar outros territórios, mediante o deslocamento geográfico de sua diretoria saindo da ECA-USP, seu berço. De fato, desde agosto de 1987 era professora de história da Arte do Instituto de Artes da Unicamp, coincidentemente, o primeiro secretário, Silvio Zamboni passou a residir no bairro campineiro de Barão Geraldo, onde se situava também a Unicamp. Zamboni, tendo iniciado sua pós-graduação na USP, freqüentava também o Instituto de Artes, interessado no programa de Mestrado em Múltiplos Meios. Foram inúmeras reuniões com Zamboni, ora realizadas, em sua casa confortável e acolhedora, ora em minha sala no instituto. Desenvolvíamos a



mesma estratégia, tínhamos o mesmo empenho de ampliar, dar envergadura nacional à nossa associação.

Zamboni sempre propunha que eu viajasse por vários estados, buscando novas adesões, mas nos dávamos conta das dificuldades de ausência de verbas para estas missões. Era tema central de nossos encontros preparar a saída da ANPAP de S. Paulo, expandir a ANPAP, analisando quais centros poderiam e queriam recebê-la. Já a nossa permanência em Campinas tivera resultados com a adesão de vários colegas à ANPAP. Foi Zamboni o idealizador o nosso primeiro boletim, uma maneira de nos mantermos unidos por um elo de informações. Considero este boletim de grande importância documental, pois era uma radiografia da ANPAP e do seu universo. Com efeito, o editorial escrito por Zamboni evidencia o quanto nos esforçávamos para conquistar o espaço da ANPAP, em fevereiro de 1990, no primeiro ano de minha gestão.

O boletim apresentava dados interessantes, na página 2, um pequeno artigo do prof. Walter Zanini sobre XXVII CONGRESSO INTERNACIONAL DO CIHA, Comité International d'Histoire de l'Art, acontecido em Estrasburgo em 1989, referindo-se à temática central, A Arte e as Revoluções, e as diferentes secções e, na página 4, havia notícias relativas ao XIV Colóquio Brasileiro, organizado pelo CBHA, Comitê Brasileiro, de História da Arte, membro do CIHA. Foram listadas treze comunicações, sendo que oito comunicadores pertenciam à ANPAP, como era indicado ao lado de seus nomes. Convém lembrar que as relações entre a ANPAP e o CBHA eram estreitas, desde a origem da primeira, tendo como elo inicial, Walter Zanini, um dos fundadores do Comitê Brasileiro de História da Arte, também foi iniciador da pós-graduação em História da Arte, na FFLCH, em 1967 e da área de Artes depois de 1970, na ECA-USP, como já me referi. O CBHA



possuía poucos membros, não alcançava vinte pessoas, renomados historiadores, com altas titulações, por isso mesmo de acesso restrito. Entretanto Walter Zanini comentava que a função da ANPAP era de estimular a pesquisa, apoiando e abrindo espaços para comunicação de pesquisas, que fortaleceriam o Comitê de Teoria, História e Crítica de Arte, amadurecendo novos valores, como etapa antecessora ao ingresso ao CBHA.

O Boletim primeiro da ANPAP publicava a lista de seus associados, por Comitês. Naquele momento, nossa associação somava 89 pessoas e um sócio institucional, a AESP. Os comitês de maior contingente era o CHTCA, com 37 sócios em seguida o LV com 30, e os comitês de AE, 12 o CM, 4 e o de Curadoria também 4. No Boletim ainda não faltava, resultado das preocupações de Zamboni, um calendário dos prazos do CNPq para inscrições de diferentes bolsas e auxílios para o biênio 1990-1991.

Enquanto em Campinas dava andamento ao expediente de secretaria da ANPAP, com Silvio Zamboni, em S.Paulo mantinha freqüentes contatos com a primeira - tesoureira, Maria Cecília França Lourenço da FAU-USP, e verificávamos as necessidades de ramificações da ANPAP, dentro do sistema uspiano, aproximando a entidade da FAU-USP, através dela e de Aracy Amaral e do MAC-USP com Ana Mae Barbosa na diretoria.

Coube à Maria Cecília um papel importante em dois acontecimentos principais neste período de 1989-91: a realização do III Encontro Nacional da ANPAP, na FAU-USP, em agosto de 1990 e a publicação dos três números dos Cadernos ANPAP, de janeiro, fevereiro e março de 1991, apresentando os programas,



resumos das comunicações e das conferências havidas nos três Encontros Nacionais da ANPAP.

O III Encontro Nacional na FAU-USP significava uma visibilidade maior da associação, diferente da Casa da Cultura Japonesa, que recebera os dois primeiros encontros, um local um tanto solitário, isolado do circuito do campus da USP. De fato, o auditório da FAU-USP, situado no mais belo edifício do campus, obra de João Batista Vilanova Artigas, pontuava este encontro no cenário fervilhante da Faculdade, com alunos e professores.

A abertura do evento, realizada por dois reitores, da USP e da Unicamp, com presença de representantes do CNPq e da FAPESP, configurou um real reconhecimento da área de pesquisa em Artes, que a ANPAP representava. Em três anos a associação conseguira transformar uma situação precária, para uma sólida existência no universo das ciências.

Neste momento, graças ao trabalho conjunto de vários colegas, a ANPAP ganhava espaços nas esferas universitárias da USP e da Unicamp, bem como adesões de novos pesquisadores, particularmente os de Arte e Tecnologia, como Paulo Laurentiz e Milton Sogabe, que somados aos artistas fundadores Diana Domingues, Romanita Disconzi, Suzette Venturelli, Julio Plaza, Artur Matuck, Anna Barros e Paulo Brusky, Gilberto Prado e outros.

O tema da Arte e Tecnologias foi muito presente no III Encontro Nacional da ANPAP, desde as laterais do auditório invadidas pelo fax-arte de Paulo Brusky, quanto nas mesas redondas e em comunicações de seus diferentes comitês. As reflexões emitidas neste evento, em 1990, testemunham o quanto a ANPAP

estava atenta com os rumos da cultura e da sociedade, no compasso da grande transformação que se iniciava com novo paradigma da sociedade informacional, digital e global.

No dia da abertura, em 15 de agosto, na mesa de debates se discutiu: “A Aplicação de Meios Informáticos na Pesquisa em Arte” e, na sessão do Comitê de Arte-Educação, comunicava-se “Uma Pesquisa Interdisciplinar entre Arte, Ciência e Tecnologia, através do Fenômeno Água”. No dia seguinte, outra mesa de debates ocorreu com tema: “Arte, Ciência e Tecnologia: Poéticas Visuais”, e uma palestra “Images as Means for the Integration of Arts And Technology”. Na sessão do Comitê de História, Teoria e Crítica de Arte comunicava-se a pesquisa a respeito de “Implantação de Base de Dados sobre Arte no Brasil - História e Patrimônio: Reflexões e Abordagens.” No último dia de atividades, 17 de agosto, 90% das comunicações do Comitê de Linguagens Visuais eram relativas a pesquisas de arte e tecnologia seguida de mesa de debates, em torno de “Preservação de Bens Culturais:Relações com Ciência e Tecnologia; Estratégias de Preservação”.

Com a publicação dos Cadernos da ANPAP em março de 1991, considerava quase cumprida, em fase final, a minha gestão à frente da ANPAP. Estava tranquila, quanto ao caminhar progressivo da instituição. A Diretoria saíra de S. Paulo-Campinas, para estender-se ao sul, confiante de que estaria em excelentes mãos condutoras, das colegas gaúchas, que já tinham dado mostras de fortalecimento da ANPAP no estado regional, quando organizaram um Simpósio coligado com a Reunião Anual da SBPC, em julho de 1990,em Porto Alegre, noticiado pelo Boletim.



O IV Encontro Nacional, organizado pela ANPAP do Rio Grande do Sul seria uma reunião fechada, em Gramado. Foi uma nova experiência, nas montanhas, com o ar frio, aconchegados nos chalés. Tratamos nesta ocasião de criar um regimento para melhor ação da entidade, discutir metodologias entre outros assuntos de nosso interesse. A chapa única, encabeçada por Maria Amélia Bulhões Garcia me deixava confiante, quanto ao sucesso de sua gestão, pois bem conhecia a sua dedicação à ANPAP, desde a sua ajuda solidária no dia da fundação, na escritura dos estatutos, foi um gesto inesquecível.

Desejo partilhar com todos os colegas da comunidade científica da ANPAP e demais leitores, uma mensagem acerca do significado que a ANPAP teve e sem dúvida seguirá sempre tendo em minha vida de estudiosa, eterna pesquisadora da História da Arte.

Esta associação significou a realização de um ideal meu e coletivo de ter um espaço, um lugar, para aprender e ensinar, apreender e transmitir o conhecimento pesquisado, refletido, inovado sobre as artes. E todo esse processo foi e é um motivo de grande alegria e realização.

Há 32 anos escutei o chamado do Zamboni, respondi e correspondi com o melhor de mim para que se realizasse o ideal e perdurasse sempre a dignidade, o valor, a criatividade dos pesquisadores em Artes Plásticas.

Uma história que fizemos vocês e eu e todos comigo estamos fazendo... E... Como é emocionante festejar os 30 anos percorridos.

São Paulo, 25 de setembro de 2017